

Motrivivência v. 27, n. 46, p. 241-252, dezembro/2015

<http://dx.doi.org/10.5007/2175-8042.2015v27n46p241>

O JOGO/ BRINCADEIRA À LUZ DO ALÉM DO PRINCÍPIO DO PRAZER (1920) E DO PEQUENO HANS (1909)

Jeferson José Moebus Retondar¹

RESUMO

O objetivo do ensaio é apontar o lugar do jogo/brincadeira no contexto da teoria psicanalítica freudiana a partir dos textos *Além do Princípio do Prazer* e *do Pequeno Hans*² como metáforas para se pensar o jogo/brincadeira e possíveis repercussões da intervenção do professor de educação física na educação infantil ao considerar o modo de apropriação da psicanálise da manifestação lúdica.

Palavras-chave: Jogo/Brincadeira; Prazer; Psicanálise

1 Doutor em Educação Física. Professor da UERJ, Rio de Janeiro/Rio de Janeiro, Brasil. E-mail: retondar@oi.com.br

2 O texto sobre o Pequeno Hans é o primeiro caso clínico estudado por Freud sobre a aplicação dos conceitos da psicanálise em criança. Apesar da análise de Hans ter sido feita por Freud a partir dos relatos que seu pai levava para ele, é o primeiro trabalho que inaugura a aplicação da psicanálise com crianças. Já o texto sobre o Além do princípio do prazer, irá provocar uma guinada na sua metapsicologia freudiana ao introduzir a polaridade entre duas novas pulsões pulsão de vida e pulsão de morte.

INTRODUÇÃO

No contexto histórico da Educação Física brasileira, as inúmeras tendências e/ou abordagens têm apresentado suas defesas em nome de uma melhor definição do objeto de estudo da educação física, de seus conteúdos, de seus métodos de intervenção, de formas específicas de avaliação e do seu papel na formação do aluno. Sejam por meio do suporte predominante dos conhecimentos das ciências humanas, seja com o suporte das ciências biológicas; fazendo uso de teorias do campo das ciências sociais e também das ciências físico matemáticas, a busca pela legitimação de uma ou de algumas teorias que possam afiançar os fundamentos que justificam a prática da intervenção da educação física na escola tem sido uma questão que ainda se apresenta proeminente no campo das reflexões político e pedagógica na Educação Física.

No início do mês de julho deste ano, no estado do Rio de Janeiro, ocorreu o concurso público para a cidade de Duque de Caxias - concurso amplamente aguardando há alguns anos por conta de sua boa remuneração. A relação candidato vaga para professor de educação física no ensino básico, compreendendo os ensinamentos fundamental e médio, gravitava na proporção de trezentos candidatos para uma vaga. E a prova específica contemplava em torno de trinta por cento questões relacionadas às abordagens e/ou tendências pedagógicas.

O fato é que desde a década de mil novecentos e oitenta, houve uma verdadeira abertura para se pensar e se repensar o papel da educação física na escola e as inúmeras interfaces relacionadas com o movimento humano, com o corpo, com a educação e com a sociedade a partir da aproximação

teórica conceitual com inúmeras áreas do conhecimento das ciências humanas, das ciências sociais e das ciências médicas.

Isto foi e continua sendo um avanço no sentido de assumir que aquilo que se define como educação física e sua intervenção na escola necessita estabelecer interfaces com outras realidades teóricas, outras técnicas, com as ciências e com os demais saberes para que se possa pensar a complexidade do ato pedagógico no trato com o ser humano e na seriedade que tal ato possui.

Pensando especificamente a Educação Física na Educação Infantil, a significativa contribuição da técnica psicomotora, do desenvolvimento motor e das habilidades motoras, da teoria do desenvolvimento da inteligência, da construção da interação afetiva e moral e toda sorte dos conhecimentos sobre o jogo, sobre o lúdico, sobre a infância e sua relação com a cultura e com a sociedade, os diversos métodos e estilos de ensino, têm sido fundamentais para se pensar na possibilidade de intervenção do professor de educação física na educação da tenra idade.

Não podemos afirmar que existe a criança, mas sim crianças que possuem biografias próprias, que participam de formas diferentes daquilo que a cultura oferece e que se situam em um extrato específico do ponto de vista socioeconômico na sociedade. Mas, isto também não significa dizer que não seja possível pensar naquilo que une as inúmeras crianças e que nos garante pensar em uma identidade mínima entre elas para além de suas biografias, de suas demandas culturais e sociais. Pois, se assim não fosse, o relativismo exacerbado nos colocaria em uma verdadeira torre de babel e nada seria possível dizer tanto de forma dedutiva,

partindo-se de uma afirmação geral para se chegar a uma afirmação particular, quanto indutiva, partindo-se de uma afirmação particular para se chegar a uma afirmação geral sobre qualquer realidade.

O Estatuto da Criança e do Adolescente, Lei no. 8.069, de 13 de julho de 1990, no seu artigo 4º afirma que é dever da família e do poder público assegurar, dentre outras coisas, a efetivação ao direito à educação. Somos capazes de traçar algumas marcas e características que em linhas gerais nos permite falar sobre crianças que se encontram na educação infantil, que, em geral, compreende a faixa etária de 0 a 6 anos de idade pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação, de 1996, recentemente revisada pela Lei 12.796, de 4 de abril de 2013, que entende que a Educação Infantil deve ser oferecida em creches ou equivalentes para as crianças de 0 à 3 anos, e na pré escola, para crianças de 4 à 6 anos. Cabendo aos pais que não matricularem seus filhos na idade pré-escolar sofrerem multas ou detenção de 15 dias.

E um dos traços marcantes neste universo etário é a disposição que a criança tem em se apropriar do mundo por meio da linguagem lúdica. Ou seja, a ludicidade materializada na brincadeira ou jogo se apresenta ao mesmo tempo como meio de expressão e de comunicação com o mundo e como finalidade última que é a busca da gratuidade do movimento pelo movimento como fonte de prazer.

Mas, para a psicanálise, a criança não é dimensionada etariamente, pelo contrário, independe de sua faixa etária. Uma vez que o que está em jogo é a manifestação de seu inconsciente. Do ponto de vista etário ter-se-á uma orientação em face daquilo que se define tenra idade na

psicanálise, de 0 a 5 anos aproximadamente, momento da vivência e alguns Complexos e da construção de si mesmo enquanto sujeito narcísico, ou seja, àquele que é capaz de se auto referenciar e se diferenciar do outro como sujeito de desejo, potencializado pela ambiguidade entre amor e ódio, acolhimento e horror pela separação dos pais.

Nesse caso, a criança é uma estrutura que habita o adulto e não uma etapa do seu desenvolvimento. O sintoma adulto é uma marca ou traço da criança que mora dentro dele: impulsividade, inveja, ciúme, medo de ser criticada, dependência, sentimento de onipotência são estruturas originariamente criadas na infância e que sempre irá reverberar no sujeito. De que modo, em qual intensidade, com qual frequência e suas possíveis repercussões é que irá variar de sujeito para sujeito, de história de vida para história de vida.

Neste sentido, os estudos da psicanálise freudiana também tem algo a dizer e a contribuir para se pensar na hipótese do aparelho psíquico e de sua manifestação inconsciente no universo das crianças à luz de um caso emblemático dentro da teoria freudiana, a saber, o caso do pequeno Hans.

Parto do princípio que quanto mais informações, reflexões e questões puderem ser levantadas sobre o ser humano, mais os professores terão condições para melhor compreender e intervir pedagogicamente na realidade do aluno. E em se tratando do universo de crianças entre 2 a 5 anos de idade, creio que a contribuição dos estudos da psicanálise freudiana poderá ajudar aos professores de educação física a pensarem no seu papel e principalmente na mudança de olhar em relação à criança e em relação ao seu ato de brincar.

Freud é um pensador que marcou o seu tempo e hoje certamente se apresenta como atemporal em relação a muitas de suas reflexões. Nos seus mais de quarenta anos de observação, de estudo, de intervenção e de construção de sua teoria do inconsciente no contexto do aparelho psíquico humano, muito tem a dizer sobre o corpo como realidade que marca a história biográfica do sujeito e do movimento humano como expressão e como fundamento de desejos.

O prazer tem sido considerado no contexto das intervenções pedagógicas e em muitas discussões no campo da psicologia e da psicoterapia como o mote fundamental e justificador de se trabalhar o jogo/brincadeira, seja como conteúdo ou como método de ensino, inclusive no contexto da prática da educação física na educação infantil quando se fala de jogo, brincadeira ou lúdico, pois o que carrega essas ideias é quase que uma relação direta destas com o prazer. E as questões que se apresentam então são: O que é o prazer? Existe algo além do princípio do prazer? O jogo, a brincadeira e as demais manifestações lúdicas da criança se fundamentam somente no prazer?

A psicanálise irá situar o jogo/brincadeira como manifestação do inconsciente com toda sua tensão, contradição, paradoxos, mas, em última instância, como manifestação de uma linguagem que pela baixa censura interiorizada no universo psíquico da criança, é capaz de oferecer pistas reveladoras sobre sentidos/significados que jamais teriam condições de se manifestarem por intermédio da racionalidade por parte do sujeito infantil.

Neste sentido, este trabalho se propõe apontar o lugar do jogo/brincadeira dentro do contexto da teoria psicanalítica

freudiana a partir dos textos do *Além do Princípio do Prazer* e do *Pequeno Hans* Como metáforas para se pensar o jogo/brincadeira no contexto da Educação Infantil e possíveis repercussões do professor de educação física neste contexto considerando à perspectiva psicanalítica. Trata-se de um estudo teórico dentro do contexto da psicanálise freudiana a partir de dois casos clínicos clássicos com crianças interpretados por Freud que, diga-se de passagem, abriu caminho para se pensar as possibilidades e os limites da clínica psicanalítica e da intervenção com crianças no ambiente formal da escola.

De maneira assistemática, recorrentemente ouvimos por parte dos professores de educação física que atuam na Educação Infantil de que o argumento fundamental para se trabalhar o jogo e a dimensão lúdica com seus alunos se relaciona ao fato de que estas provocam prazer nas crianças. Portanto, a ludicidade é a linguagem por excelência da criança fundamentada no prazer.

Entretanto, o prazer no jogo não é aquilo que o define, pois quando se perde ou é mal sucedido em uma investida no jogo ele se torna desprazeroso. Há muitas outras coisas prazerosas para a criança do que entrar em jogo, como chupar um picolé, dormir, receber o afago de uma mão carinhosa, manipular massas de modelar e até mesmo bater e morder outros colegas.

Ou seja, numa primeira definição psicanalítica do prazer, este se apresenta como uma descarga de um *quantum* de excitação que precisa ser escoada. O prazer diminui a tensão e a excitação de um corpo que tem sede, que sente dor, que almeja atendimento de suas demandas. É uma descarga efêmera, passageira, e que atende

a necessidade de equilíbrio do aparelho psíquico.

A tensão prazer-desprazer irá passar a vida dos humanos, o momento inaugural, sua intensidade, sua trama biográfica e suas constantes repercussões na vida do sujeito que se socializa diferentemente as exigências de sua cultura e de sua sociedade faz da tenra idade um momento especial na vida do ser humano e basilar para sua construção como sujeito de desejo.

O JOGO/ BRINCADEIRA NO ALÉM DO PRINCÍPIO DO PRAZER

Antes de entrarmos propriamente dito na reflexão proposta no texto sobre o *Além do princípio do prazer*, faz-se necessário apreendermos minimamente o conceito de pulsão em Freud.

Pulsão e instinto não são sinônimos. A pulsão é sempre de natureza sexual, pois recobre a demanda imediata do prazer; já o instinto, não necessariamente.

O instinto é um impulso automático que visa o saciamento de uma necessidade orgânico-funcional, como, por exemplo, a comida que alimenta a fome do faminto ou a água que sacia a sede daquele que precisa repor líquido no organismo. Não que não haja prazer em tais demandas instintivas, o fato é que na ordem das pulsões o que vigora é o prazer pelo prazer, pois a necessidade pulsional é subjetiva e não objetiva como no caso da comida e da água. Ou seja, na ordem da pulsão não existe um objeto definido a ser contemplado, pois sua contemplação é impossível. Daí qualquer objeto pode ser apropriado pelo sujeito como objeto de investimento de desejo.

Assim, o prazer de sucção do bebê que se sacia com o leite materno num primeiro momento atende a uma demanda instintiva e vital para sua sobrevivência na qual o leite é o objeto a ser conquistado para a manutenção da vida. Entretanto, ao prolongar a sucção depois de já ter sido saciado, em face do contato da mucosa da boca com o seio materno, nasce uma outra ordem da necessidade: a do prazer de sucção e da sensação de quentura e da textura do leite morno passando pelo esfôfago te chegar ao estômago. Dir-se-á então que a criança diante da primeira mamada aciona dois impulsos fulcrais que jamais cessarão para o ser humano: a fome, representando a necessidade instintiva e o amor, representando a necessidade pulsional. Nasce então o Homo Demens. O homem como ser desejante.

O ser humano engorda por que pode estar comendo além da conta ou emagrece cadavericamente na medida em que renuncia a alimentação como símbolo de uma determinada representação de corpo em numa de uma singular história psíquica. Só os humanos engordam e emagrecem deliberadamente por meio de dieta. No reino dos animais isto não é possível, pelo menos em se tratando dos animais que não foram e não são domesticados pelos humanos. Não há um hipopótamo obeso, ou uma girafa magra, pois todos os animais comem para atender a uma demanda da necessidade e não da pulsão.

Assim, o que faz engordar e o que faz emagrecer nos humanos não são quantidades de alimentos, mas se encontra na ordem dos desejos de ir além ou ir aquém da própria necessidade instintiva. Tanto o excesso quanto a falta está na ordem do desejo do sujeito que se apropria da comida

e estabelece com ela e por meio dela uma semântica da existência.

No texto sobre o Além do princípio do prazer (1996), momento que marca uma virada no pensamento freudiano do ponto de vista da revisão de alguns conceitos e da elaboração de outros, Freud aponta a hipótese de que o prazer deriva da baixa excitação, enquanto o desprazer se apresenta como um aumento de excitação no organismo. Assim, diante da vontade de comer um doce ou de adquirir um determinado objeto, a criança aumenta seu nível de excitação e de tensão forçando seus cuidadores para à aquisição de tais demandas. O seu não atendimento remete a um excesso de excitação manifestado sob a forma de choro, de agressividade, de "birra". Da mesma forma, que sua contemplação apazigua os ânimos acalmando o nível de excitação inicial. No primeiro caso temos o desprazer em face do aumento excitatório do ponto de vista psíquico, no segundo caso, a diminuição da excitação ou prazer, em face do atendimento a demanda.

Nestes termos, o princípio da realidade não se oporia ao princípio do prazer, na medida em que o primeiro por conta da socialização vivenciada pelo sujeito ensinaria para ele a possibilidade de que é possível adiar uma satisfação imediata em favor de um ganho futuro e que passará a ser inerente ao processo de inscrição dele na vida social auto controlada e regrada.

De qualquer forma, Freud irá admitir que no aparelho psíquico há uma forte tendência dos humanos ao princípio do prazer, pois se trata de uma energia constante, que oscila somente em termos de intensidade face ao objeto e ao seu objetivo, mas que não pára de vigorar e de solicitar ao sujeito sua contemplação imediata: embora essa

tendência seja contrariada por certas outras forças ou circunstâncias.. Daí as constantes frustrações que todos os humanos têm que aprender a conviver em nome de suas inscrições no processo civilizatório, inclusive às crianças da tenra idade que estão aprendendo a se socializar e a se auto controlarem em relação às suas emoções.

É neste sentido que o princípio da realidade existe para proteger o princípio do prazer, pois o desejo se vale da energia da pulsão para se realizar. Há sempre um quantum de prazer envolvido nas manifestações humanas, como, por exemplo, no jogo ou brincadeira.

Ao observar crianças jogando ou se preparando para jogar ou brincar, não se pode perder de vista o contexto biográfico que vive o brincante, ou seja, sua relação com os pais e com as pessoas de seu entorno mais próximo. Isto na medida em que o jogo ou brincadeira se apresentará como uma manifestação representativa de suas significativas experiências e conflitos vividos internamente. A brincadeira será sempre uma manifestação indireta de comunicação que irá revelar traços profundos do modo como o brincante percebe o mundo, com seus dramas, suas alegrias e seus conflitos. Como exemplo, citamos o caso de uma criança de aproximadamente 2 (dois) anos que brincava de jogar o carretel por sobre a cama e tornava a puxá-lo de volta, sendo este último movimento comemorado com alegria pela criança.

Trata-se de uma brincadeira descrita pelo pai de uma criança à Freud e que foi interpretado por ele como evidência do binômio desaparecimento e retorno. O carretel representava a mãe que se ausentava de seu filho para ir trabalhar. Ao jogar/brincar, a criança reatualizava a cena

angustiante da partida e da ausência da mãe e a manipulava em face de seus desejos mais íntimos. Daí o retorno do carretel, pois a mãe sempre voltava. E a recorrência da repetição do jogar e do puxar o carretel além de repetir a cena inicialmente desprazerosa e angustiante da ausência materna, também se atenua na medida em que a criança ao construir imaginariamente que a mãe vai e volta, tal qual no jogo do carretel, a criança onipotentemente cria a ficção de que por intermédio de tal brincadeira controla uma realidade que a angustia e que proporciona a ela desprazer.

Freud irá dizer que tal brincadeira se relaciona a grande realização cultural que é a renúncia instintual deixar a mãe ir embora sem protestar. O fato é que a partida da mãe gerava um profundo desprazer para a criança, mas que, através do jogo, e principalmente no retorno do carretel, residia o prazer por parte da criança em trazer a “mãe” de volta de uma maneira simbolizada. É neste ponto que se justifica o princípio do prazer do e no jogo. O jogo simbolizava a alternância da presença e da ausência da mãe.

Por meio da brincadeira a criança revive uma situação vivida de maneira passiva em uma situação ativa. Ao brincar a criança se apropria do mundo, se coloca como sujeito de sua história e como centro maior de atenção, capaz de alterar, transformar e redimensionar a realidade vivida em realidade ideal a se viver.

Não se pode deixar de considerar que na idade que compreende as crianças da Educação Infantil, o sentimento de onipotência, de poder desmedido das crianças impera na orientação e na formulação de seu mundo. Toda pergunta ou questionamento interno de uma criança jamais ficará

sem respostas para ela. Ou os adultos mais próximos, os cuidadores e professores respondem às suas indagações ou elas obterão as respostas entre elas mesmas.

Ao repetir na brincadeira daquilo que é desprazeroso no seu cotidiano e simbolizado por intermédio do jogo e da brincadeira, a criança descarrega a tensão por ela vivida se transformando em senhora da situação. Por outro lado, um dos desejos da criança é ser um adulto, uma vez que o adulto manda, possui poderes que ela não tem, é dona de inúmeros “objetos” e inclusive controla e tem para si a presença de objetos de amor da própria criança, o pai possui a mãe e a mãe possui o pai.

O desejo de crescer e de fazer o que as pessoas adultas fazem acompanha a criança em todos os seus jogos e brincadeiras. Mas, nem toda experiência profundamente desagradável se tornará apropriada para ser representada e revivida simbolicamente por meio de uma brincadeira.

Àquelas que se transformaram em brincadeira foi possível de serem simbolizadas por intermédio da manipulação e da apropriação possível em face dos objetos disponíveis, da interação da criança em relação a eles e do desejo de jogar/brincar. Mas, pode ocorrer outros tantos fatos desprazerosos e também significativos que não sejam possíveis de se transformarem em jogos/brincadeiras. O que, por um lado, relativiza a perspectiva de se pensar o jogo/brincadeira como expressão inconsciente sempre de um conteúdo vivido nos dias anteriores. Mas, quando se trata de um jogo/brincadeira que se repete na conduta lúdica da criança de maneira sistemática é sinal que tal reatualização simbólica do vivido ainda se apresenta penoso, angustiante e ameaçador para a criança. O que se relativa

nesses casos é a intensidade do desprazer vivido que transformado em jogo/brincadeira produz uma determinada intensidade de prazer compensatório.

Freud cita um exemplo hipotético de uma criança que passa por uma intervenção desprazerosa na garganta diante de um exame no qual o médico colocou uma espátula dentro de sua boca gerando nela ânsias de vômito e desconforto físico fazendo-a chorar. Muito provavelmente, tal situação vivida será lembrada pela criança e poderá ser objeto de uma nova brincadeira: “Quando a criança passa da passividade da experiência para a atividade do jogo, transfere a experiência desagradável para um de seus companheiros de brincadeira e, dessa maneira, vinga-se num substituto” (Freud, 1996, p.28). Assim, a criança pega sua boneca ou seu boneco e manipula sua boca com um pedaço de pau ou outro objeto longilíneo expressando determinados sentimentos específicos que na realidade ela sofreu em tal experiência.

O JOGO/BRINCADEIRA NO PEQUENO HANS (1909)

O *Pequeno Hans ou Análise de uma fobia em um menino de cinco anos* (1996) é um caso clínico derivado de um único contato de Freud com Hans, mas acompanhado do relato sistemático e minucioso do seu pai a Freud e que acabou ilustrando os argumentos apresentados em seu artigo sobre *Os Três Ensaios Sobre a Teoria da Sexualidade*, escrito em 1905. Foi neste artigo que Freud iria chocar a comunidade acadêmica e todas as instituições que acreditavam na pureza e na angelical inocência da criança ao afirmar que a criança a partir

da sua primeira mamada inaugura uma relação erógena com o mundo e com o seu corpo. Ou seja, a criança sexualiza sua vida e a relação que estabelece com o mundo desde o nascimento.

O primeiro dos três ensaios intitula-se *As aberrações sexuais* e neste Freud irá demarcar os conceitos de objeto e de objetivo sexual. O primeiro podendo ser qualquer coisa e o objetivo sempre culminando com o prazer. Ou seja, o conceito de sexualidade não se limita e nem se define exclusivamente pela genitália masculina e feminina, mas antes, se fundamenta no *quantum* de prazer que a criança e os humanos em geral conseguem extrair de suas relações com o mundo. Daí que qualquer objeto possa ser eleito para o sujeito, um urso de pelúcia, um picolé ou uma chupeta para a criança e um carro, uma mulher e dinheiro para um adulto.

No segundo ensaio sobre *A sexualidade infantil*, Freud apresenta as zonas erógenas como lugares específicos do corpo cuja estimulação provoca uma intensa sensação prazerosa. Além de o corpo todo ser erotizado, podendo ser manipulado, acariciado e adulado provocando sensações e descargas de prazer no sujeito, no universo das crianças há certas regiões cuja intensidade de prazer será maior como os orifícios da boca, do ânus e também da própria genitália gerando intensas descargas de prazer e de desprazer que deixarão marcas na vida psíquica do sujeito. “A amnésia infantil, que na maioria das pessoas encobre os primeiros anos da infância, até os seis ou oito anos de idade [...] Converte a infância de cada um numa espécie de época *pré-histórica* e oculta dele os primórdios de sua própria vida sexual, carrega a culpa por não se dar valor ao período infantil no

desenvolvimento da vida sexual” (Freud, 1996, p. 162-163).

Já no terceiro ensaio, relativo *Às transformações da puberdade*, Freud irá centrar atenção na sexualidade genital e apresentará o conceito de libido, que se define como força propulsora da pulsão e se encontra intimamente ligada ao narcisismo. A libido narcísica é que irá ajudar a construir os sentimentos de estima, autoestima, baixa estima adequação e inadequação da criança e do sujeito adulto em relação ao mundo.

A defesa central de Freud e que ocasionou em sua época inúmeras reações e que que trago como hipótese que vigora até os dias atuais, é que a ideia da criança pura, ingênua e assexuada apresentada sob a metáfora romântica dos anjos assexuados é totalmente desconstruída. Em seu lugar se apresenta um sujeito de desejo de tenra idade que procura satisfazer seus desejos em nome do prazer e da própria construção de sua constituição como sujeito. E, quando se vê barrada em relação ao prazer almejado ou perseguido, reage de maneira agressiva e violenta, pois está construindo um lugar de significado no mundo que possa melhor adequar suas demandas pulsionais em relação às exigências da vida coletiva.

Disso decorre que além da criança possuir sexualidade e se movimentar na direção da efetivação do prazer a partir do movimento e da interação dela com os objetos e com os outros, ela não é boa por natureza. Mas antes, um sujeito de desejo que procura lutar, conquistar com todas as armas que dispõe para fazer vigorar o prazer em detrimento dos desprazeres que a vida e as interações começam a lhe impor.

Nos *Três Ensaio*s, Freud parte da premissa que há três profantasias ou

fantasias universais que recobrem o universo infantil e que irá perdurar por meio de suas marcas para toda a vida adulta, a saber, a fantasia do coito dos pais, aquilo que ocorre no convívio íntimo entre marido e mulher e que é projetado no universo infantil; a sedução entre pai, mãe e filho materializado no complexo de Édipo, romance familiar que se dá de maneira inconsciente entre desejos satisfeitos e impossíveis de serem realizados e suas consequências no universo psíquico do sujeito; e o sentimento de castração, que é a percepção da criança em relação a diferença anatômica entre os sexos e a perda do pênis, por parte do menino, como punição relativo à algum desejo que não deveria ter sido almejado tamanho seu absurdo ou impossibilidade de acontecer e, no caso da menina, do sentimento de culpa de já ter perdido o pênis por algo que fez, mas que não sabe que fez.

No mundo adulto, a castração remete a perda de algum bem profundamente desejoso, conquistado e que se perdera; da mesma forma que partes do corpo amputadas ou lesionadas, ou ainda, o impedimento drástico de algum desejo que não fora realizado por um impedimento alheio ao sujeito.

Essas profantasias irão fundamentar as fantasias inconscientes que poderão ser modificadas ao longo do desenvolvimento da criança, que sempre existirão e estarão prontas para se manifestarem com níveis distintos de intensidade no universo subjetivo do sujeito. Seja este criança ou adulto.

Segundo Freud, no caso clínico e específico de Hans, este se apoia na fantasia de que todas as pessoas têm pênis, daí a preocupação inicial do menino ao ver sua irmã recém-nascida e se impactar com o fato de que ela não tinha nada entre as pernas. É nesse sentido que o jogo/ brincadeira, como

veremos mais a frente, se apresentará como substituto simbólico da realidade e que através da fuga momentânea da realidade irá criar uma cena imaginária que ajudará o pequeno Hans a elaborar seus pensamentos e diminuir sua tensão.

A castração representa no plano simbólico a lei, a ordem, à força da autoridade que pune, que decepa e que impõe limites. Quando Hans começa a perceber que possui um desejo enorme pela mãe ele dá início a uma enorme ansiedade, pois a existência do pai cria um impedimento para à realização de seu desejo e o coloca como seu rival. Hans entra no Édipo e o pai acaba sendo o representante de sua fobia pelos cavalos.

Durante o relato minucioso do pai de Hans, este diz para Freud que durante um bom tempo Hans tem brincado de cavalo em seu quarto, trotando, relinchando e esperneando como se de fato fosse um cavalo. O que Freud interpreta como a manifestação de uma fantasia carregada de desejo no qual o menino é o cavalo que morde o pai e, ao mesmo tempo, se identifica com ele. Pois o pai também possui pênis.

Freud indicou em seus escritos de maneira muito clara que aquilo que hoje se apresenta para as pessoas como objeto de fobia, muito provavelmente no passado tenha sido objeto de elevado grau de prazer. Depreende-se então que Hans ao jogar/brincar de cavalinho reatualiza a tensão entre ele e o pai, ancorado em um desejo de morte do pai, de assassinato, pois se trata de um impedimento em de ter a mãe somente para ele. Mas, ao mesmo tempo, ele também ama o pai e é justamente a ambiguidade de tais sentimentos que irá provocar a instauração da angústia fóbica ou fobia. Hans era o cavalo que

simbolicamente mordia o pai e, ao mesmo tempo, ao ser cavalo, se identificava com ele por intermédio da genitália comum em ambos. Uma vez que em várias passagens do relato do pai de Hans para Freud a genitália do cavalo sempre foi motivo de interesse e ao mesmo tempo de tensão.

Na brincadeira, fica permitido aquilo que na realidade ou no mundo da vida se apresentaria como uma enorme transgressão à ordem moral. No universo do jogo/brincadeira pode-se desejar e realizar simbolicamente os desejos por meio de atividades cujo fim último é a própria satisfação do brincante, enquanto no mundo da vida, por conta das interdições dos desejos, a realização desejante é sempre insuficiente e precária.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos textos que serviram de base para a nossa reflexão, compreendemos que jogar ou brincar é uma manifestação constitutiva de uma linguagem lúdica que procura expressar certa demanda psíquica, isto é, uma demanda da ordem do desejo fundamentada na biografia do sujeito.

A criança não é um adulto em miniatura. É um ser de desejo que vive intensamente tensões entre o princípio do prazer e o princípio da realidade. Na medida em que vai se socializando com outras crianças e com as regas da interação social as interdições morais irão se integrar a sua subjetividade e ao mesmo tempo tensionar mais ainda os impulsos sexuais, principalmente em relação ao binômio amor e ódio pelos pais que remete ao sentimento de ambiguidade sobejamente vivenciado de maneira intensa pela criança.

O jogo ou brincadeira se apresenta como uma ab reação, uma descarga de um quantum de energia desejante que ao não se realizar no cotidiano passa a ser realizada de maneira simbólica sob a forma teatralizada do jogo. Assim, o prazer no jogo/brincadeira não é somente jogar/brincar como fim em si mesmo, mas também, como manifestação e descarga de uma tensão psíquica.

Nesse teatro dramatizado do jogo ou da brincadeira, o sujeito que vive um drama, uma tensão ou uma experiência significativa, torna-se senhor onipotente da realidade. É ele quem conduz o jogo e define os papéis de si e dos demais jogadores em sua cena imaginária. Se na realidade ele vive situações de impotência ou passividade, no jogo ele se torna potente e ativo. Se na realidade ele se vê vitimado por uma dada situação, no jogo ou brincadeira ele se vinga de tal situação.

A linguagem simbolizada das manifestações lúdicas acaba por revelar sentimentos e emoções que de outra forma poderia ser difícil de serem reveladas por parte da criança, não somente por sua dificuldade inerente à própria idade o que remete à ainda ausente capacidade de abstração, mas pela força da censura, do medo à transgressão e do pavor do sentimento de perda, de castração.

No contexto psicanalítico, podemos considerar que o fulcro de todo jogo/brincadeira, ancora-se nas fantasias inconscientes e nas fantasias conscientes. O jogo garante certa plasticidade, certa unidade na forma desses sentidos; cria-se uma trama lúdica, com enredo, com personagens que falam uma fala silenciosa por intermédio da “boca” de animais, de objetos e de personagens “fictícios” que, na realidade, pode ser a fala da própria criança.

Neste contexto, o professor de Educação Física não é somente um recreador ou um agente que irá estimular o desenvolvimento psicomotor ou motor da criança, mas alguém que deve observar ouvir muito atentamente aos movimentos do corpo e da fala, dentro do possível, elaborar possíveis interpretações sobre o que a criança está querendo dizer com tal ou qual brincadeira ou modo de brincar. Uma vez que o ato de brincar por parte da criança faz emergir inúmeros sentidos/significados. Assim, observar, mais do que propor ou impor, pode ser revelador para o professor.

O professor deve acolher mais do que censurar. Orientar, mais do que sancionar. Observar e propor ao invés de direcionar e interferir. Sua relevância se justifica como mediador entre a criança e suas fantasias. Como àquele que irá oportunizar jogos/brincadeiras para que as crianças possam no meio da diversidade de atividades se sentirem seguras e confortáveis com alguma prática que lhe proporcione apaziguamento, paz e prazer. Não seria absurdo então dizer que os fundamentos da ação do professor de educação física na educação infantil, a partir da perspectiva da psicanálise, deverão ser orientados mais na direção da sensibilidade e na estética do movimento do que no ensino puro e simples do comportamento motor.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. **Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990.** Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências.
- BRASIL. **Lei 12.796, de 4 de abril de 2013.** Altera a Lei no 9.394, de 20 de

dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. FREUD, Sigmund. **Além do Princípio do Prazer**. (Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud). Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. **O Pequeno Hans**. (Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud). Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. **Os Três Ensaios Sobre a Teoria da Sexualidade**. (Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud). Rio de Janeiro: Imago, 1996.

PLAY / PLAY UNDER THE BEYOND THE PLEASURE PRINCIPLE (1920) HANS AND LITTLE (1909)

ABSTRACT

The purpose of the test is to point out the place of the game / joke within the context of Freudian psychoanalytic theory from the texts of Beyond the Pleasure and Little Hans principle as metaphors for thinking about the game / play and possible teacher intervention of the repercussions of physical education in kindergarten to consider the psychoanalysis of appropriation so the playful manifestation.

Keywords: Game / Play; Pleasure; Psychoanalysis

PLAY / JUEGO EN EL MARCO DEL MÁS ALLÁ DEL PRINCIPIO DE PLACER (1920) HANS PEQUEÑO (1909)

RESUMEN

El propósito de la prueba es de señalar el lugar del juego / broma en el contexto de la teoría psicoanalítica freudiana de los textos de Más allá del placer y el pequeño Hans principio como metáforas para pensar en el juego / el juego y posible intervención docente de las repercusiones de la educación física en el jardín de infantes a considerar el psicoanálisis de apropiación por lo que la manifestación lúdica.

Palabras clave: Juego / Juego; El Placer; Psicoanálisis
